La Comédiathèque

Gay Friendly

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Gay Friendly

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um saco cheio de notas pode ajudar a dar à sua filha um belo casamento gay. Mas os ganhos mal obtidos nunca compensam...

Personagens

Gaby: mulher (ou homem)
Alex: mulher (ou homem)
Sam: mulher
Vic: mulher

Gaby e Alex formam um casal do mesmo sexo e devem ser representados por intérpretes do mesmo sexo. Esta versão destina-se a três homens e uma mulher.

© La Comédiathèque

Gaby está sentado no sofá, a folhear um catálogo de viagens enquanto saboreia um cocktail exótico. Ao lado, uma televisão, cujo ecrã não é visível para o público, está ligada sem som. Gaby detém-se numa página do catálogo.

Gaby *(encantado)* – Os Estados Unidos... Porque não? Las Vegas, o Caesars Palace, as máquinas de jogo... *(O sorriso desaparece-lhe.)* Cinco mil euros por uma semana? Ficava arruinado antes sequer de entrar no casino!

Algo no ecrã da televisão chama a atenção de Gaby. Pega no comando e aumenta o volume.

Apresentador – Os números vencedores do Euromilhões foram o cinco, o nove, o doze, o dezassete e o vinte e quatro. As estrelas, o seis e o onze. O feliz contemplado vai receber a módica quantia de cinquenta milhões de euros...

Gaby volta a tirar o som.

Gaby – Para que é que continuo a jogar...? *(O telemóvel toca.)* Sam, querido! Como estás? Hoje é dia de lavar a roupa, não é? Como adivinhei? Porque só nos vens visitar quando ficas sem cuecas lavadas! Está bem, estou a exagerar... É o meu lado de mãe galinha. Então, já arranjaste emprego? Tens alguma novidade? *(Entusiasma-se.)* Não me digas que vais casar! Mais ou menos? Agora disseste de mais ou de menos. Vá, conta lá! Preferes fazer-nos uma surpresa? Está bem, até já. Também gosto muito de ti. *(Guarda o telemóvel e suspira.)* Mais ou menos... Como é que alguém se casa «mais ou menos»?

Alex entra com um saco de marca muito caro, que pousa discretamente num canto, e beija Gaby na boca. Repara no cocktail.

Alex – Vejo que não te privas de nada...

Gaby – Custa menos do que um bilhete de avião e, durante cinco minutos, sinto-me de férias. Queres que te prepare um?

Alex – Talvez mais tarde...

Gaby – Como correu o dia, amor?

Alex – Digamos que foi um dia... muito rico.

Gaby – Rico? Em emoções, queres dizer?

Alex – Também. Já te conto.

Gaby – Pois eu já sei onde podíamos passar a lua de mel.

Alex – Lua de mel? Primeiro tínhamos de casar. E lembro-te de que ainda não disse que sim.

Gaby – Passámos anos a lutar pelo direito de casar!

Alex – É um direito, não uma obrigação. Como o aborto: é ótimo termos esse direito, mas melhor é não precisar de o exercer.

Gaby – Agora comparas o casamento com o aborto? Que romântico!

Alex – Já falámos disto, Gaby. Acho o casamento um bocado ridículo. Seja gay ou não.

Gaby – Ridículo?

Alex – Para começar, qual de nós é que ia de branco?

Gaby – Eu, claro!

Alex – Na tua idade? Não achas um bocadinho exagerado?

Gaby – Obrigado por me lembrares a idade com tanta delicadeza.

Alex – Desculpa...

Gaby – Também se pode ser gay e ter alma de noivinha, sabes.

Alex – Uma lua de mel... Na nossa idade... *(Gaby fulmina-o com o olhar.)* Além disso, se queres viajar, não precisamos de casar para isso. Para onde iríamos?

Gaby – Que achas de Las Vegas?

Alex – Las Vegas? Há quem vá lá casar em cinco minutos e até poupe na lua de mel. Porque é que queres ir a Las Vegas?

Gaby – Sempre sonhei entrar num daqueles casinos com filas de máquinas de jogo até perder de vista. Tenho a certeza de que há uma à minha espera com o prémio grande...

Alex – O prémio grande...

Gaby – Mas neste momento não sei se podemos dar-nos a esse luxo. Ainda por cima, se o nosso filho, que está desempregado, também pensa casar.

Alex – Desculpa?

Gaby – O Sam acabou de ligar. Vem cá daqui a pouco. Diz que se vai casar... mais ou menos.

Alex – Estás a ver? Não podemos casar ao mesmo tempo que ele!

Gaby – Porque não?

Alex – Casarmos ao mesmo tempo que o nosso filho seria ainda mais ridículo. *(Pausa.)* Espera lá... Como assim, «mais ou menos»?

Gaby – Foi o que ele disse...

Alex – E tu o que achas que isso significa?

Gaby – Talvez seja gay...

Alex – Achas?

Gaby – Filho de peixe sabe nadar.

Alex – De qual dos peixes? O rapaz tem dois pais.

Gaby – Nunca o vimos com uma rapariga.

Alex – Também nunca o vimos com um rapaz.

Gaby – Talvez tivesse vergonha de nos apresentar os namorados.

Alex – Com dois pais gays, sair do armário devia ser a coisa mais fácil do mundo.

Gaby – Ou talvez seja o contrário. É heterossexual e nunca teve coragem de nos dizer, com medo de nos desiludir.

Alex – Desiludir-nos? Não digas disparates!

Gaby – Com pais homossexuais, talvez não seja assim tão fácil sair do armário para anunciar que se é heterossexual.

Alex – Será que traumatizámos assim tanto o pobre rapaz? Se calhar, ainda têm razão os que dizem que não nos deviam deixar criar filhos.

Gaby – Começo a perguntar-me se é possível ser gay e homofóbico ao mesmo tempo. Primeiro eras contra o casamento gay, agora és contra os pais gays.

Alex – Não sou contra o casamento gay. Sou contra o casamento, ponto final! Não tenho o direito de o achar antiquado?

Gaby começa a farejar o ar, desconfiado.

Gaby – Desde que chegaste, há aqui um cheiro estranho...

Alex – A sério?

Gaby – Cheira a água-de-colónia barata... *(Volta a cheirar.)* E em quantidades industriais! *(Dramático.)* Vais deixar-me por alguém do sexo oposto!

Alex – Que disparate! De onde tiraste essa ideia?

Gaby – Estás a esconder-me alguma coisa, Alex. Conheço-te. O que se passa?

Alex *(hesitante)* – Bem... Talvez, afinal, possamos dar-nos ao luxo de ir a Las Vegas.

O rosto de Gaby ilumina-se.

Gaby – Saiu-nos o Euromilhões? *(O sorriso desaparece-lhe.)* Não, impossível. Acabei de ver os números. Ficámos outra vez sem prémio!

Alex – É um pouco mais complicado...

Gaby – Desembucha.

Alex vai buscar o saco de marca e pousa-o sobre a mesa de centro.

Gaby – Então é daqui que vem o cheiro a colónia! Que diabo trazes aí dentro?

Alex – Encontrei-o no metro.

Gaby – Um saco de luxo? Pensava que achavas essas coisas piroseiras.

Alex – Depende do que trazem lá dentro.

Gaby – E este, o que traz?

Alex – Massa.

Gaby – Massa? Agora compras esparguete numa loja de luxo?

Alex – Da massa que se guarda no banco. Olha.

Gaby abre o saco, mete a mão e tira um grosso maço de notas.

Gaby – Não me digas que são verdadeiras...

Alex – Ao princípio também não acreditei. Pensei que fosse uma partida para um programa de apanhados: que, ao pegar na pega, ia disparar um alarme, que o saco estava preso a um elástico ou que me caía um balde de água em cima. Mas nada disso.

Gaby – E quantos maços há desses?

Alex – Não tive tempo de contar. Mas o saco está a abarrotar.

Gaby – E dizes que o encontraste no metro? *(Desconfiado.)* Quando dizes «encontrei»... Não o roubaste, pois não?

Alex – Estava no banco ao meu lado. Pensei que pertencia a uma das duas loiras oxigenadas que estavam à minha frente. Achei uma lata ocupar um lugar com um saco numa carruagem a abarrotar. Mas saíram as duas na estação seguinte e o saco ficou lá.

Gaby – E depois?

Alex – Uma velhota queria sentar-se, por isso peguei no saco e pu-lo ao colo. Sem pensar.

Gaby – Sem pensar...

Alex – Quando cheguei à minha estação, ninguém o tinha reclamado. Saí com ele. Pensei espreitar lá dentro, a ver se encontrava uma morada ou um telefone para o devolver à dona.

Gaby – E...?

Alex – Os únicos números que lá estão são os números de série das notas.

Gaby – É incrível... E o que pensas fazer com esse dinheiro todo?

Alex – Por enquanto sinto que me saiu a lotaria. Não posso aproveitar a sensação durante cinco minutos?

Gaby – Está bem, mas esse dinheiro há de ser de alguém...

Alex – Não há nome nem morada! O que fazemos? Pomos um anúncio? «Encontrado saco de luxo cheio de notas. Pede-se à dona que telefone para o levantar.» O telefone não parava de tocar!

Gaby – Há sempre a polícia...

Alex – Claro que pensei nisso. Mas entregar uma fortuna destas à polícia... Até me parte o coração.

Gaby – Mas, Alex, não podemos ficar com ele. Não é nosso!

Alex – E quem garante que a polícia encontra a verdadeira dona? Talvez nem se atreva a reclamá-lo.

Gaby – Para recuperar um saco cheio de dinheiro?

Alex – Imagina que a dona não declarou aquele dinheiro às Finanças e estava prestes a levá-lo para fora do país.

Gaby – No metro?

Alex – Sei lá... O que sugeres tu?

Gaby – É tentador, mas não podemos ficar com ele. Sobretudo se for dinheiro sujo.

Alex – Todo o dinheiro é um bocado sujo, sabes? Qualquer psicanalista te diria isso. Mas este até cheira bem, não cheira?

Gaby – E dizem que o dinheiro não tem cheiro... Este tem um perfume de fazer cair para o lado.

Alex – Vale a pena pensar no assunto durante cinco minutos, não?

Gaby – E se as notas forem falsas? Apanhavam-nos assim que tentássemos gastá-las.

Alex – Temos de decidir já. Se não avisarmos a polícia, ainda nos acusam de receptação.

Gaby – Uma coisa é certa: ninguém deixou aquele saco cheio de notas no metro para nos oferecer um presente.

Alex – E porque não? Talvez seja o nosso anjo da guarda, que nos quer ajudar a oferecer ao nosso filho um casamento gay em grande estilo.

Gaby – Já somos crescidos para acreditar em milagres. E não sei se os anjos aprovam casamentos gays.

Alex – Talvez o céu também se tenha tornado gay-friendly.

Ouve-se a campainha.

Gaby – Meu Deus! Deve ser o Sam...

Alex – Vou guardar isto e depois continuamos a conversa, está bem?

Alex volta a meter o maço no saco e fecha-o. Gaby prepara-se para abrir a porta.

Gaby – Estou mortinho por saber se é menino ou menina...

Alex – A namorada dele já está grávida?

Gaby – Mas não! Quero saber se nos vai apresentar um rapaz ou uma rapariga!

Alex – Ah, claro. Desculpa, estou com a cabeça noutro sítio.

Alex deixa o saco num canto. Entra Sam, também com um saco.

Sam – Olá, pai. Olá, mãe.

Gaby – Muito engraçadinho...

Sam dá um beijo na cara a Alex.

Alex – Olá, Sam.

Sam – Então, como estão?

Gaby – Bem. Porquê?

Sam – Não sei... Estão um bocado estranhos.

Alex e Gaby trocam um olhar embaraçado.

Alex – Olha, vieste sozinho!

Sam – Vim, pois...

Gaby pega no saco de Sam.

Gaby – Dá-me a roupa suja. Eu ponho-a na máquina.

Alex – Educámo-lo muito mal, Gaby! Não tens vergonha de ainda trazer a roupa para os teus pais lavarem, com a tua idade?

Sam – Assim tenho uma desculpa para vos vir visitar.

Gaby – Que querido...

Alex – Queres que te ofereçamos uma máquina de lavar pelo teu aniversário?

Gaby – Ou pões uma na lista de casamento.

Sam – Na minha lista de casamento?

Alex – Então, onde está a feliz contemplada?

Gaby – Ou o feliz contemplado?

Alex lança a Gaby um olhar intrigado.

Sam – Bem, estão a ver...

Alex – Que suspense!

Sam – Suspense porquê?

Alex – O Gaby tinha receio de que...

Gaby – Esquece, é uma parvoíce.

Alex – O importante é seres feliz, não é?

Sam – Estou a perceber... Já desconfiavam de alguma coisa.

Gaby – Quando disseste que ias casar... mais ou menos.

Sam – Pois. Uma espécie de união. Um compromisso para toda a vida... mas em celibato.

Alex – Como assim?

Sam – Pensei que já tivessem percebido.

Gaby – Uma união sem sexo?

Alex – Isso a mim soa-me a casamento.

Gaby – Uma união de facto? Não te preocupes, por nós está tudo bem.

Sam – Ainda bem.

Gaby – Então...?

Sam – Decidi ser padre.

Gaby e Alex ficam a olhar para ele, estupefactos.

Gaby – Podes repetir?

Sam – Pensei muito no assunto. Já me decidi: vou entrar para o seminário.

Gaby – Diz-me que estás a brincar...

Sam – Sabia que iam reagir assim, mas a minha fé é inabalável. E a fé move montanhas.

Alex – A tua fé? Mas a última missa a que foste foi o funeral da tua avó!

Sam – Os caminhos do Senhor são insondáveis. Sei que a minha conversão foi súbita, mas é sincera. Tive uma revelação.

Gaby – Uma revelação?

Alex – Apareceu-te a Virgem Maria?

Gaby – Lembras-te de quando ele era pequeno e teve aquela fase mística?

Alex – Lembro. Ouvia vozes. Como Joana d'Arc.

Gaby – Quase preferia que fosse gay.

Alex – Olha que ser padre e ser gay não são coisas necessariamente incompatíveis.

Sam – Também não é como se vos estivesse a dizer que tenho cancro.

Gaby – Isso, pelo menos, às vezes tem cura.

Alex – Então vou ter de te chamar «padre», eu que sou teu pai?

Gaby – Estás a fazer isto para nos castigar?

Sam – Ninguém se torna padre para castigar os pais, mas para servir a Deus.

Gaby – Pois, pois...

Alex – E o que é que se responde a isso?

Gaby – Bem, ao menos podia casar-nos pela Igreja.

Alex – Lembro-te de que a Igreja não celebra casamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Gaby – Talvez faças uma exceção para os teus pais, não é, Sam? Um casamento pela Igreja sempre tem outra categoria.

Sam – Que cheiro é este? Entornaram algum frasco de água-de-colónia?

Gaby – Ah, pois é! Já quase me tinha esquecido...

Sam – Esquecido de quê?

Alex – Se um dia cometêssemos um pecado grave, pelo menos tínhamos um padre de confiança a quem nos confessar.

Gaby – E não preferias ser pastor protestante? Ao menos podias casar.

Alex – Ou entrar para uma religião que aceite a poligamia. Até podias ter várias mulheres!

Gaby – Ao menos tinhas vida sexual.

Alex – Se seria normal, isso já é outra questão.

Gaby – Além disso, há igrejas com pastores assumidamente gays.

Alex – Pena não estarmos numa dessas.

Sam – É tentador, mas continuo fiel à Igreja Católica.

Alex – Vejamos o lado positivo: estavas desempregado. Ser padre é um emprego para a vida, não é? E também não abundam candidatos. Hoje em dia, ser professor já é quase um sacerdócio. Talvez te safes melhor como pároco de aldeia do que como professor numa escola problemática. Para onde te mandariam?

Sam – Para onde Deus me chamar.

Alex – Eu evitava ser padre operário, com tantas fábricas a fechar. Mas, com esta falta de vocações, não creio que Deus esteja em condições de despedir ninguém.

Gaby, completamente ultrapassado pelos acontecimentos, procura um pretexto para sair.

Gaby – Vou pôr esta roupa suja ali e molhar um bocadinho a cara.

Gaby sai, abatido, com o saco da roupa suja.

Alex – E de resto, como vão as coisas?

Sam – Bem...

Alex – Vou buscar qualquer coisa para beber. Vai fazer-nos bem a todos. Uísque? Vinho do Porto? Desculpa, já não temos vinho da missa.

Sam – Qualquer coisa serve. Entretanto, vou rezar pela salvação das vossas almas.

Alex – Que maravilha...

Alex sai para ir buscar bebidas. O telemóvel de Sam toca e ele atende. Gaby regressa sem que Sam o veja, disposto a levar discretamente o saco do dinheiro. Ao ouvir a conversa, volta a pousá-lo e fica a escutar.

Sam – Estou? Sim, já cá estou. Tens a morada? Perfeito, fico à tua espera. *(Ri-se.)* Não vais acreditar! Disse-lhes que ia ser padre. Inventei aquilo só para brincar e eles engoliram tudo! Até me assusta que os meus próprios pais me julguem capaz de entrar para o seminário. Que ideia terão eles de mim? *(Alex regressa com garrafas e copos e fica também a escutar.)* Havias de lhes ter visto as caras... Hoje está aqui um ambiente estranhíssimo. De outra maneira, nunca teriam caído numa coisa destas. Espero que não estejam com problemas de dinheiro... Não sei se hoje é o melhor dia para... *(Vira-se e descobre Alex e Gaby a olharem para ele com ar reprovador.)* Está bem, até já.

Sam guarda o telemóvel.

Gaby – Gozaste connosco à grande! Não tens vergonha?

Sam – Desculpem, mas não resisti à tentação. Estavam tão desejosos de que vos anunciasse uma coisa importante...

Alex – Queres provocar-nos um enfarte para receberes a herança mais cedo?

Sam desata a rir.

Sam – Mas acreditaram do princípio ao fim!

Gaby – Então, a pessoa que vem contigo está quase a chegar?

Sam – Sim, vem a caminho.

Alex – Mas quando dizes «essa pessoa»... Queres dizer...?

Gaby – Namorado ou namorada?

Ouve-se a campainha.

Sam – Vou eu...

Alex – Finalmente, vamos tirar as dúvidas.

Entra Vic, de calças de ganga, casaco de cabedal e capacete de mota. O capacete esconde-lhe o rosto, pelo que não se consegue perceber se é um homem ou uma mulher. Traz uma garrafa de champanhe, que entrega a Sam.

Sam – Apresento-vos Vic, a pessoa que... partilha casa comigo.

Gaby – Vic? De Vítor ou de Vitória? *(Vic tira o capacete.)* Vitória! É uma rapariga!

Alex aperta a mão a Vic e faz uma careta.

Alex – Que aperto de mão... *(A Sam.)* E tu, que és tão delicadinho.

Sam – A Vic tem cinto negro de judo.

Gaby – Graças a Deus! O meu filho não é gay!

Sam e Vic trocam um olhar embaraçado.

Alex – Ser gay não é nenhuma doença. Às vezes acho que és mais homofóbico do que eu.

Vic – Prazer em conhecer-vos, finalmente.

Gaby – Finalmente? Então o Sam já há muito que nos escondia a tua existência.

Vic *(embaraçada)* – Bem, na verdade...

Sam – A boa notícia é que em breve deixam de me lavar as cuecas.

Alex *(a Vic)* – Então vais ser tu a lavar-lhe as cuecas? Não me parece um grande avanço para o feminismo.

Gaby – Não te deixes explorar, Vic. Nós é que o habituámos mal.

Sam – Queria dizer que vamos comprar uma máquina de lavar. Várias, aliás.

Alex – Várias?

Sam – Já vos explico...

Gaby – Senta-te, Vic. Estás em tua casa.

Sam entrega a garrafa a Gaby.

Sam – A Vic não queria aparecer de mãos vazias.

Alex – Ótimo! Temos muitas coisas para celebrar.

Sam – Ah, sim? Vocês também?

Gaby – Bem... Nós também vamos casar. Não é, Alex?

Vic – Vocês também?

Sam – Casar...? Um com o outro?

Alex – Muito engraçado...

Vic – Na verdade, somos apenas colegas de casa e sócios.

Alex – Estás a ver? Eles também acham o casamento antiquado. Preferem uma união de facto.

Gaby – União de facto... Nunca achei essa expressão muito romântica.

Alex – Parece mais uma declaração de IRS do que uma carta de amor.

Gaby – Porque é que não te ocupas dos nossos convidados?

Alex *(a Vic)* – Queres que te guarde o casaco?

Vic – Não, obrigada.

Gaby – Espero que tenhas encontrado a casa sem dificuldade.

Vic – Sim. Desculpem o atraso, mas a rua está cheia de polícias.

Sam – Cortaram o trânsito na rua toda.

Gaby – Ah, sim?

Sam repara no saco.

Sam – De quem é aquele saco de luxo? Pensava que achavam essas coisas piroseiras. Estão a ficar uns novos-ricos?

Gaby – Contamos-lhe?

Sam – Contam-me o quê?

Alex – E o que fazem tantos polícias lá fora?

Vic – Parece que assaltaram uma mansão aqui perto. A casa de uma multimilionária riquíssima.

Alex – A sério...?

Sam – Uma multimilionária rica? Há multimilionários pobres? A crise deve estar pior do que eu pensava.

Vic – Dizem que os ladrões fugiram de metro.

Gaby – De metro?

Sam – Fecharam a estação aqui ao lado.

Vic – Ainda bem que vim de mota.

Gaby *(a Alex)* – Mas tu saíste nessa estação, não foi?

Alex – Devo ter passado mesmo antes de a fecharem.

Gaby tenta empurrar o saco de luxo para trás do sofá com o pé.

Sam – A propósito, o que era aquilo que me queriam contar?

Alex – Já não me lembro. Não devia ser importante. Logo me lembro.

Vic senta-se no sofá, atrás do qual está escondido o saco.

Vic – Que bem que cheira aqui...

Sam – Parece uma perfumaria. De onde vem este cheiro?

Alex e Gaby trocam um olhar embaraçado.

Alex – Então, abrimos o champanhe ou não?

Sam – Ah, pois é, o champanhe...

Vic – Não me parece que esteja muito fresco.

Gaby – Vou buscar umas taças.

Sam – Vamos nós. Vic, dás-me uma ajuda?

Sam e Vic saem.

Alex – A boa notícia é que as notas são verdadeiras.

Gaby – A má é que foram quase de certeza roubadas.

Alex – Temos de esconder o dinheiro até decidirmos o que fazer.

Gaby – Estamos metidos numa bela alhada, Alex. Olha para nós! A mentir e a esconder coisas... Até ao nosso próprio filho!

Alex – Se ele não tivesse trazido aquela motociclista, podíamos falar em família. Mas não conhecemos a Vic de lado nenhum. Nem sequer sabemos ao certo se é mulher!

Gaby – Tens razão. Pode ser polícia. Ou inspetora das Finanças.

Alex – Em qualquer dos casos, estamos feitos.

Gaby – Porque dizes isso?

Alex – A polícia prendia-nos. E as Finanças queriam a sua parte.

Gaby – E tu dizias que foi o nosso anjo da guarda que mandou o dinheiro!

Alex – Até os anjos têm de entregar a declaração de IRS.

Sam e Vic regressam de mãos vazias.

Sam – Já estão outra vez a discutir? Desculpem, não encontrámos as taças.

Gaby – Há dias mudei as coisas de sítio nos armários. Agora não me lembro de onde as pus.

Alex – Sempre a arrumar, sempre a arrumar... E depois não há quem encontre nada.

Gaby – Não saiam daí. Já vou eu.

Sam dá uns passos e tropeça no saco.

Sam – Deviam tirar isto do caminho. Alguém ainda se mata. *(Pega no saco.)* Bolas, como pesa! Vão de viagem?

Gaby – Ainda não decidimos.

Sam – E de quem é o saco?

Alex e Gaby olham um para o outro, embaraçados.

Gaby – Isso também ainda não decidimos.

Sam – Como assim, não decidiram?

Gaby procura mudar de assunto.

Gaby – Querem petiscar alguma coisa com o champanhe?

Vic – Sim, porque não?

Sam – Há bolachas? Ou biscoitos?

Gaby – Só temos amendoins e umas bolachas salgadas.

Sam – Não é o acompanhamento ideal para champanhe, mas pronto.

Gaby sai.

Alex *(para quebrar o silêncio)* – Então, Vic, o que fazes na vida?

Vic – Distribuo pizzas ao domicílio.

Alex – Ah, muito bem...

Silêncio.

Vic – Mas é temporário. Assim que eu e o Sam pusermos o nosso negócio a funcionar... Eu sei como soa dizer que distribuo pizzas...

Alex olha nervosamente para Sam, que continua a segurar o saco.

Alex *(distraído)* – Não te preocupes, aqui somos muito abertos. Além disso, não tens ar de polícia nem de inspetora das Finanças. Vou ajudar o Gaby.

Alex sai. Sam pousa o saco num canto.

Sam – Então, que achas dos meus pais?

Vic – Não sei. Acho-os um bocado... estranhos.

Sam – Estranhos por serem gays?

Vic – Não, como se estivessem a esconder alguma coisa.

Sam – Sim, há qualquer coisa que os preocupa.

Vic – Se calhar ainda não digeriram o teu «coming out»... para lhes dizeres que és heterossexual.

Sam – Sabes como são os pais. Querem sempre que os filhos mantenham as tradições da família.

Gaby regressa com uns aperitivos e coloca-os na mesa.

Gaby – Então, pombinhos, tudo bem?

Sam – Tudo ótimo...

Gaby – Vou dar uma ajuda ao Alex.

Gaby sai.

Vic – Continuo com a sensação de ter caído numa armadilha. Disseste-me que vínhamos falar-lhes do nosso projeto, não que me ias apresentar como tua noiva.

Sam – Eu não disse nada!

Vic – Mas também não os tiraste do engano!

Sam – Pareciam tão contentes... E, se pensarem que somos um casal, talvez se sintam mais inclinados a investir. Inspira confiança.

Vic – Então que ponham o cheque no envelope das prendas de casamento... Mas há um pequeno inconveniente.

Sam – Qual?

Vic – É que somos os dois gays!

Sam – Gays de segunda geração. Fazemos tudo para nos integrar e continuamos a ser vítimas de discriminação.

Alex regressa com um balde de gelo, onde coloca a garrafa de champanhe. Gaby vem atrás com as taças.

Alex – Vamos deixá-lo arrefecer mais cinco minutos.

Gaby – Entretanto, sirvam-se de uns amendoins.

Vic – Obrigada.

Comem amendoins num silêncio embaraçado. Vic faz um sinal a Sam para começar a falar.

Sam – Eu e a Vic queríamos falar-vos de um projeto que temos em mãos.

Gaby – O casamento?

Vic fulmina Sam com o olhar.

Sam – Mais propriamente uma sociedade. Temos uma ideia muito inovadora.

Alex – Uma startup?

Vic – Melhor.

Sam – Uma cadeia de lavandarias self-service!

Gaby – Lavandarias?

Vic – Começávamos por uma ou duas.

Sam – Depois logo víamos se resultava.

Alex – Pois...

Gaby – Bem... É, sem dúvida, uma ideia surpreendente.

Alex – Sobretudo vinda de alguém que traz a roupa suja para casa dos pais todas as semanas.

Sam – Foi precisamente isso que me deu a ideia!

Gaby – Deu-te a ideia de quê?

Sam – A roupa lavada como laço de família!

Vic – Queremos devolver a magia ao ato de lavar a roupa. Transformar as lavandarias em sítios onde as pessoas se encontram, não apenas onde lavam as meias.

Sam – Criar laços.

Vic – As lavandarias automáticas tornaram-se espaços anónimos, sem alma.

Sam – Nós vamos transformá-las outra vez em lugares de encontro.

Pausa.

Alex – Isto é outra partida, não é?

Gaby – Como quando disseste que querias ser padre.

Sam – Nada disso! Estou a falar muito a sério!

Vic – Trata-se de devolver algum sentido sagrado ao lugar onde lavamos a roupa suja... salvo seja.

Sam – Não digo que vir às nossas lavandarias seja como ir à missa, mas queremos que as pessoas se sintam parte de uma comunidade.

Alex – Claro...

Sam – O bom de uma lavandaria self-service é que funciona praticamente sozinha. Passa-se lá uma vez por semana para recolher a receita.

Alex – Como as máquinas de jogo... ou um bordel. Agora percebo o interesse. Ter lavandarias é o negócio ideal. Melhor do que ser padre. Quase como ser chulo.

Sam – Com a diferença de que é completamente legal!

Pausa.

Gaby – Mas já não há lavandarias aos montes?

Sam – Não lavandarias gay-friendly. É aí que temos vantagem.

Vic – Apostamos num nicho de mercado ainda por explorar.

Sam – E depois podemos diversificar.

Vic – Lavandarias ecológicas, lavandarias veganas...

Alex – Lavandarias kosher, lavandarias halal...

Gaby – E ocorreu-te tudo isto enquanto distribuías pizzas?

Vic – Também tenho formação em Gestão, para que saibam.

Alex – Ah, bom...

Sam – Sabem quantos casais gays se conheceram numa lavandaria?

Alex – Não...

Sam – Eu também não. Mas devem ser imensos.

Vic – Pelo menos eu e o Sam conhecemo-nos numa!

Momento de embaraço.

Sam – A nossa proposta é mais do que uma lavandaria: é um clube social.

Vic – Encontros rápidos, enquanto a máquina dá voltas.

Sam – «Amor a Quarenta Graus». Até podia ser o nome da cadeia!

Alex e Gaby trocam um olhar preocupado.

Gaby – Bem, ficamos muito contentes por vocês.

Alex – E desejamos-vos muito sucesso.

Gaby – Mas o que é que isto tem a ver connosco?

Sam – Curiosamente, o banco não se mostra muito entusiasmado com a ideia de financiar este projeto brilhante.

Vic – Sabem como os bancos andam cautelosos.

Alex – A crise...

Gaby – Neste país, há muito pouco apoio aos jovens empreendedores.

Sam – Por isso pensámos que talvez quisessem participar.

Vic – E assim aproveitar esta oportunidade extraordinária.

Sam – Como sócios minoritários.

Vic – Uma garantia moral e financeira, por assim dizer. Sobretudo financeira.

Sam – Sabemos que não têm grandes poupanças, mas...

Algo no ecrã da televisão chama a atenção de Gaby.

Gaby – Estão outra vez a falar do assalto.

Alex – Aumenta o volume, depressa!

Gaby – Não se importam?

Gaby aumenta o volume, para surpresa de Sam e Vic.

Apresentador – Na sequência do assalto a uma mansão aqui da zona, os ladrões terão fugido de metro com o produto do roubo, distribuído por um ou talvez dois sacos de luxo. As câmaras de vigilância mostram uma terceira pessoa a recolher um dos sacos numa carruagem. Na casa foi encontrado um frasco de água-de-colónia partido, uma das poucas pistas de que a polícia dispõe...

Alex volta a tirar o som.

Alex – Não vamos ficar a ver televisão quando temos visitas.

Gaby – Acham que vão apanhar os ladrões?

Vic – Depende das provas. Uma descrição, por exemplo.

Sam – Com o que havia no cofre daquela multimilionária, podíamos lançar o nosso negócio.

Vic – Sem dúvida...

Sam – Imaginem um saco daqueles cheio de notas.

Vic – Metade já nos chegava.

Alex e Gaby olham preocupados para o saco.

Sam – Então, que acham da nossa proposta?

Gaby – Que proposta?

Sam – As lavandarias gay-friendly! Temos de nos despachar, antes que alguém nos roube a ideia.

Mas é evidente que Gaby e Alex estão com a cabeça noutro lado.

Alex – Ah, sim, claro...

Sam – Então?

Gaby – Porque não, Alex? Afinal de contas, era por uma boa causa.

Alex – Teríamos de pensar. Por acaso, acabámos de ter uma sorte inesperada.

Vic observa o comportamento estranho de Gaby e Alex.

Vic – Uma sorte inesperada? Saiu-vos a lotaria?

Alex – Talvez...

Sam – Como assim, «talvez»?

Gaby – Ainda estamos à espera do sorteio.

Sam – Como garantia para o banco, não me parece muito sólido.

Gaby – Bem, abrimos de uma vez esse champanhe?

Alex prepara-se para tirar a rolha da garrafa.

Alex – Vá, brindemos.

Gaby – A todos os nossos projetos!

Precisamente quando a rolha salta, as luzes apagam-se de repente.

Alex – Merda! Ficámos sem luz!

Sam – Se calhar acertaste na lâmpada com a rolha.

Alex – A instalação elétrica não aguenta. Basta ligar o forno e a torradeira ao mesmo tempo para disparar o disjuntor.

Sam – Não podem voltar a ligar a luz? Têm velas?

Gaby – Já não me lembro onde as guardei... Ah, já sei!

Gaby procura às escuras e finalmente consegue acender uma vela.

Gaby – O quadro elétrico está na cozinha.

Alex – Fiquem aqui. Vou ver o disjuntor.

Sam – Vic, ainda aí estás?

Vic – Onde querias que estivesse?

Gaby – Ele sempre teve medo do escuro.

Sam – Que disparate!

Vic – Isto faz-me lembrar um filme de terror. Começava com um apagão e depois...

Sam – Acho que prefiro não saber como acaba.

A luz regressa.

Sam – Ah!

Gaby – Estás a ver, querido? Não havia nada a temer.

Sam – Oh, vá lá...

Alex regressa e apaga a vela.

Alex – Agora sim. Vamos brindar de uma vez.

Alex serve o champanhe. Bebem.

Sam – Então, estão mesmo dispostos a investir no nosso negócio? Fantástico!

Gaby – Não sei... Que achas tu, Alex?

Alex – Claro, porque não investir parte das nossas poupanças num negócio de família promissor?

Sam – Sempre soube que tinham alma de investidores-anjo.

Vic – Para nós, são uns verdadeiros anjos.

Alex – E temos outra coisa em comum com os anjos: nunca se sabe muito bem de que sexo somos.

Gaby – Alex, não era melhor falarmos a sós antes de decidir?

Sam troca um olhar cúmplice com Vic.

Sam – Vou fumar um cigarro à varanda.

Vic – Acompanho-te.

Alex – É por aqui. Vou buscar-vos um cinzeiro.

Saem.

Gaby – Finalmente! Agora podemos esconder o dinheiro. Mas onde?

Gaby aproxima-se do saco.

Alex *(de fora)* – Onde estão os cinzeiros?

Gaby – No armário da entrada!

Gaby espreita para dentro do saco e fica petrificado.

Gaby – Não pode ser! O dinheiro desapareceu! *(Procura desesperadamente.)* Não pode ser!

Alex regressa.

Alex – O que se passa?

Gaby começa a levantar as almofadas do sofá.

Gaby *(a gritar)* – O saco! Está vazio! Alguém nos levou o dinheiro todo durante o apagão!

Alex não consegue responder porque Sam e Vic regressam também.

Sam – Ouvimos gritos. O que aconteceu?

Gaby – Nada, é que... não encontrava o comando da televisão.

Vic pega no comando, que está à vista de todos, e entrega-o a Gaby com um olhar irónico.

Vic – Está aqui.

Sam – Não te escapa uma.

Gaby *(desconfiado)* – Pois estou a ver.

Voltam a sentar-se à volta da mesa.

Alex – Mais champanhe?

Vic – Sim, obrigada...

Sam – Então, alinham no nosso projeto? Fantástico!

Gaby – É que... ainda não sabemos se vamos poder dispor daquele dinheiro.

Sam – Mas há pouco tinham dito...

Alex – Se nem sabes pôr uma máquina a lavar... Uma cadeia inteira de lavandarias parece-me um bocado ambicioso.

Gaby – E não podem procurar um patrocinador? Uma marca de detergente, por exemplo.

Sam – Qual?

Alex – Uma marca que lave a roupa suja... até a que ainda está no armário.

Sam – Muito subtil. Já percebi a indireta.

Gaby – Desculpa. Talvez nos tenhamos entusiasmado de mais.

Sam *(magoado)* – Não faz mal. Havemos de encontrar outra solução. Não é, Vic?

Vic está tão surpreendida como Sam com esta mudança repentina de atitude.

Vic – Há alguma coisa que nos queiram contar?

Sam – Estão com problemas de dinheiro?

Alex – Que ideia! Porque dizes isso?

Vic pega no comando e aumenta o volume da televisão.

Vic – Estão outra vez a falar do assalto. *(Irónica.)* Como vi que vos interessa tanto...

Apresentador – Esta é a imagem da pessoa que, segundo a polícia, fugiu com o produto do roubo no metro. Foi obtida a partir das gravações das câmaras de vigilância...

Sam – Que curioso. Parece um bocadinho o Alex.

Vic – As parecenças são espantosas.

Gaby volta a tirar o som.

Gaby – Não vamos passar a noite a ver televisão.

Vic – Faz-me lembrar um filme que vi há pouco tempo.

Gaby – Outro filme? És mesmo cinéfila, hein?

Vic – Um tipo encontra um saco cheio de dinheiro no metro.

Alex – A sério?

Gaby – E como acaba?

Vic – Na prisão. Todas as notas podiam ser rastreadas.

Alex – Que azar...

Vic – Pois é...

Sam percebe que o ambiente está a ficar tenso e levanta-se.

Sam – Bem, não vos incomodamos mais.

Gaby coloca-se agressivamente à frente de Vic.

Gaby – Não vão embora assim!

Vic sustenta o olhar de Gaby, que acaba por se afastar.

Vic – Claro que não. Primeiro vamos levantar a mesa.

Alex – Não, por favor, deixem estar.

Sam – Eu ajudo-te.

Sam e Vic saem para a cozinha com as taças.

Gaby – Estamos metidos numa alhada das grandes.

Alex – Calma. Havemos de sair limpinhos desta.

Gaby – Onde está o dinheiro? Aposto que aquela tipa nos roubou! E ainda goza connosco!

Alex – Fui eu que o tirei. Escondi-o num sítio seguro.

Gaby – Tu?

Alex – Depois de ligar tudo na cozinha para fazer disparar o disjuntor.

Gaby – E onde puseste o dinheiro?

Alex – Onde nem à polícia ocorreria procurar.

Gaby – No micro-ondas?

Alex – Na máquina de lavar roupa.

Gaby – Perdeste o juízo? Eu podia tê-la posto a trabalhar!

Alex – Ninguém se lembraria de procurar lá dentro. Muito menos o Sam.

Sam regressa, seguido de Vic, que traz o saco da roupa suja.

Sam – Vão ficar orgulhosos de mim.

Gaby – Ah, sim?

Sam – Consegui pôr a máquina a lavar!

Alex – Não me digas!

Sam – A Vic ajudou-me um bocadinho. Mas se vamos abrir lavandarias, tenho de aprender a usar as máquinas.

Gaby e Alex ficam horrorizados.

Gaby – Que programa é que escolheste?

Vic – O mais comprido. Para roupa muito suja.

Gaby e Alex correm para a cozinha.

Sam – Não percebo o que se passa com eles...

Vic – Eu percebo. *(Sam olha para ela, espantado.)* O dinheiro daquele assalto... está aqui.

Sam *(incrédulo)* – Estás a dizer que os meus pais assaltaram aquela mansão?

Vic – Os ladrões devem ter deixado um saco no metro, e o Alex encontrou-o.

Sam – A sério?

Vic – Não viste como o Alex se parecia com a pessoa da imagem na televisão?

Sam demora um momento a assimilar a informação.

Sam – Então encontrou-o... Isso não é propriamente roubar, pois não?

Vic – Ficar com dinheiro roubado também é crime. Chama-se receptação.

Sam – Eu chamo-lhe um golpe de sorte. Mas tens provas?

Vic fareja o ar e aproxima-se do saco.

Vic – Fica de olho na porta.

Sam – Eu faço de sentinela enquanto tu fazes de cão farejador?

Vic – Exatamente. Se vier alguém, avisa.

Vic – E este saco cheira a água-de-colónia, como o frasco partido que encontraram na casa.

Sam – Pode ser. *(Abre-o.)* Mas está vazio!

Vic mostra a Sam as notas que tirou do saco da roupa suja.

Vic – Tirei o dinheiro da máquina antes de a pôr a trabalhar.

Sam – Não me digas!

Vic – Antigamente, escondiam-se as poupanças no cesto da roupa suja. Agora, diretamente na máquina de lavar.

Sam – Como o mundo evolui...

Alex regressa por um instante.

Alex – Desculpem, houve um pequeno problema com a máquina de lavar.

Vic – Espero que não tenhamos estragado nada.

Alex – Não, nada disso. Mas quando há líquido a mais, transborda.

Sam – Líquido a mais...

Alex – É uma máquina velha.

Alex volta a ajudar Gaby.

Vic – Ficamos com tudo ou partilhamos com os teus pais?

Sam – Isso seria roubar! Não vou roubar os meus próprios pais.

Vic – Os teus pais tiraram-no a uns ladrões.

Sam – Mas também podemos meter-nos numa bela alhada.

Vic – Se fizermos desaparecer o dinheiro antes de a polícia revistar a casa, na verdade estamos a livrá-los de um problema.

Sam – A rua está cheia de polícias.

Vic – É isso que me preocupa.

Sam – Aumenta o volume da televisão. Estão outra vez a falar do assalto.

Vic pega no comando.

Apresentador – A polícia acaba de deter os responsáveis pelo assalto desta manhã. O produto do roubo também foi recuperado, escondido noutro saco de luxo: barras de ouro, diamantes e outras joias. A vítima não pareceu tão satisfeita quando as Finanças lhe pediram para justificar a fortuna guardada no cofre...

Vic volta a tirar o som.

Sam – Então de onde vem o dinheiro que o Alex encontrou no metro?

Vic – Parece que um só saco não chegava para levar tudo. Mas isto tira-nos uma boa parte da pressão.

Sam – Porquê?

Vic – Se a velhota não declarou aquele dinheiro, não vai apresentar queixa por lhe faltar um segundo saco. E os ladrões muito menos.

Sam pega num maço e examina as notas.

Sam – Achas que as podem rastrear?

Vic – Duvido. São notas pequenas e muito usadas.

Sam – Se ninguém as reclamar, daqui a um ano e um dia podemos dizer que são nossas.

Vic – Ou consideramos que é uma regularização fiscal e nomeamo-nos cobradores de impostos.

Sam – Um imposto privado sobre as grandes fortunas!

Vic – Tirar dinheiro a uma multimilionária também não é exatamente roubar.

Sam – Seríamos como o Robin dos Bosques.

Vic – Tiramos aos ricos...

Sam – E ficamos nós com o dinheiro.

Ouvem-se ruídos estranhos vindos da cozinha, como se alguém estivesse a bater num objeto metálico com um martelo. Gaby regressa.

Gaby – Está quase arranjado. Mas acreditem: depois de uma máquina arrancar, custa imenso pará-la.

Gaby volta para a cozinha.

Vic – Agora só falta descobrir como vamos branquear este dinheiro.

Sam – Montando uma cadeia de lavandarias!

Vic – Branquear dinheiro comprando lavandarias?

Sam – O Al Capone não tinha uma cadeia de lavandarias? Não foi daí que veio a expressão «branqueamento de capitais»?

Vic – Al Capone? Pensava que eras de esquerda. Agora vais buscar conselhos profissionais aos mafiosos?

Sam – Vi a luz. E, se te pesa a consciência, podemos sempre fazer um donativo a uma instituição de solidariedade.

Vic – A qual? A uma fundação para órfãos de polícias mortos em serviço?

Sam – Não me disseste que já não tinhas pais?

Vic – Disse.

Sam – Então ajudamos uma órfã. Fazes um donativo a ti própria!

Vic – E os teus pais?

Sam olha para o catálogo de viagens.

Sam – De certeza que iam perder tudo em Las Vegas.

Vic – Mais vale investir em máquinas de lavar do que em máquinas de jogo.

Sam – Vamos embora antes que a polícia comece a revistar toda a gente.

Vic – Está bem.

Sam – Custa-me fazer-lhes isto. Vamos deixar uma gorjeta.

Vic – Só um maço. *(Deixa-o dentro do saco.)* «Para o pessoal», como dizem nos casinos.

Sam – Não podemos ir embora sem nos despedirmos. Vou deixar-lhes um bilhete.

Sam escreve umas palavras num papel, deixa-o sobre a mesa e sai com Vic. Gaby e Alex regressam, consternados, com roupa molhada, que penduram num estendal.

Alex – Não percebo. O dinheiro não pode ter-se dissolvido na máquina e ido pelo cano abaixo.

Gaby – Nunca se sabe... Por alguma razão se chama «dinheiro líquido». E já sabes: o que vem fácil, vai fácil.

Alex – Onde é que se terão metido?

Gaby – As notas?

Alex – O Sam e a motociclista!

Gaby – Não faço ideia...

Alex – Saíram de fininho, como dois ladrões.

Gaby – Faz-me pena pensar que ele se case. Deixa de vir cá a casa lavar a roupa suja em família.

Alex – Pelo menos ficámos com o saco. *(Espreita lá para dentro, encantado.)* Olha, ficou um maço! Não perdemos tudo!

Gaby – Isto chega para dois bilhetes para Las Vegas! Vamos tentar a sorte nas máquinas de jogo. Sinto que a fortuna está a começar a sorrir-nos!

Alex – Espera, está um bilhete em cima da mesa. *(Pega nele e lê.)* «Sou gay.» Assinado: Sam.

Ouve-se uma sirene da polícia. Gaby olha para Alex, inquieto.

Gaby – Achas que existem prisões gay-friendly?

Escuro.

Alex – Merda! O disjuntor voltou a disparar...

O som da sirene aproxima-se cada vez mais e para de repente.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Paris – Abril 2022
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-620-0

Documento para download gratuito